

MILLER, DANIEL.

Trecos, Troços e coisas: Estudos antropológicos sobre a cultura material

Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

Autor da Resenha: Rafael Velasquez

Mestre em Antropologia (PPGA/UFF). Pesquisador no Núcleo de Estudos da Modernidade (NEMo).

Com formação inicial em arqueologia e em seguida, antropologia e arqueologia, Daniel Miller tem diferentes trabalhos publicados sobre consumo, relacionando a indumentária, a habitação, mídia e redes sociais. Como ainda é pouco conhecido do leitor brasileiro, vale a pena citar alguns títulos de sua bibliografia, tais como: *Material Culture and Mass Consumption*, 1987; *The Internet: an ethnographic approach*, com D. Slater, 2000; *Home Possessions* (org.), 2002; *Materiality* (org.), 2005; *The Cell Phone: an anthology of communication*, com H. Horst, 2006. *The comfort of Things*, 2008 entre outros. Como se pode observar, apesar de possuir uma vasta e variada bibliografia, *Trecos, Troços e Coisas* é seu segundo livro publicado no Brasil. O primeiro foi *Teoria das Compras* em 2002, pela Exame.

Em *Trecos, troços e coisas*, título em português para *Stuff*, Miller faz um exame retrospectivo de suas pesquisas anteriores dialogando com trabalhos de seus orientandos e estabelecendo um debate com outros antropólogos, tais como Latour, Gell e Keane. Mais do que um debate, o livro em si é uma defesa dos estudos de cultura material. Sem pretender colocá-la em um pedestal muito menos enterrar a ideia de sociedade, o autor pretende incluir as coisas e a sua materialidade como parte necessária do processo que nos torna o que somos.

As bases de análise de Daniel Miller para os estudos da cultura material são duas: Goffman e Gombrich. Com Goffman o comportamento humano é em grande medida, determinado pelos quadros que constituem o contexto de uma ação, tal como uma encenação. São “as deixas”, os objetos de cenas, o cenário e os adereços, que nos informam de forma inconsciente se o desempenho da

ação é ou não é *apropriado*. Isto se dá de forma inconsciente. O argumento de Gombrich, quando uma moldura de uma obra de arte é *adequada* ao quadro ela simplesmente se torna oculta aos olhos de quem a vê. E estas molduras nos passam a maneira com que devemos enxergar aquilo que enquadra. Portanto, os objetos matérias são como um cenário e/ou como uma moldura eles nos orientam e nos informam quais as práticas que são mais adequadas e apropriadas para a atuação e a compreensão da ação. Portanto, quando menos houver consciência da presença desses objetos em cena, maior será a influência que eles exercerão sobre as ações desempenhadas e no seu convencimento.

Contudo, é a partir da teoria de Bourdieu que o autor refina a sua análise da cultura material a respeito de como as pessoas se tornam o que são e a enxergar o mundo da maneira particular como fazem. O agente fundamental neste processo de sociabilidade são, novamente, os trechos. Aprendemos a nos habituar com a ordem entorno deles. E, o mais importante, somos educados com eles e através deles. Os nossos comportamentos, nossos corpos, nossos sentimentos e até os nossos sonhos passam por uma “domesticação” mediada pelos tais objetos. Crescemos admitindo as normas que os objetos nos impõem. E assim, resumidamente, que Miller afirma: a cultura vem dos trechos.

A premissa que perpassa por todo o livro é a da construção dialética entre sujeitos e objetos. Ao passo que os homens produzem coisas, por meio do trabalho; os trechos, por sua vez, “constroem” os homens. Um processo dinâmico e recíproco que produz simultaneamente o criador e a criatura. A este processo o autor chama de *objetificação*, no qual objetos e sujeitos se misturam. Assim estes trechos podem se tornar opressivos a tal ponto que podemos esquecer de que um dia nós os criamos. Esta é uma contradição inerente aos trechos.

Outra discussão fundamental que seu livro trás é sobre a materialidade. Ela diz respeito tanto aos significados de materialidade quanto às suas implicações. A questão da materialidade das coisas está presente, como coloca Miller, nas religiões, sobretudo as do sul da Ásia como o hinduísmo e o budismo, abarcando o próprio catolicismo. Essa questão é o que nos remete ao que é aparente e superficial. Segundo Miller, a busca das religiões é transcender a materialidade do mundo em busca da imaterialidade. É nesse contexto que a questão a ser

buscada pelos pesquisadores, de acordo com Miller, é saber o que as pessoas dizem sobre a materialidade, quais são as suas estratégias para escapar (de que ou quem?) e como elas a empregam esta ideia na prática.

Os paradoxos da materialidade são demonstrados por meio das pesquisas empíricas: o imaterial que se expressa pelo material, pessoas sem materialidade, as economias de objetos que não existem, moedas que expressam de um lado as trocas seculares e do outro a divindade... A observação desses fenômenos sociais é motivo para se dar mais atenção às coisas e não ignorá-las com algo frívolo e de menor importância. Uma oposição entre sujeito e objetos não é mais uma possibilidade para uma ciência social moderna. Não se pode condenar a materialidade focando no idealismo. Temos que aceitar tanto a nossa própria materialidade quanto a do mundo, argumenta nosso autor.

Assim sendo, o estudo da cultura material este rearranjo da oposição entre pessoas e coisas, sujeitos e objetos, não implica numa pretensão em se abordar verticalmente os trechos, de maneira a colocá-los acima ou abaixo da humanidade, mas trata-se, antes, de situá-los numa perspectiva horizontal, na qual humanos e coisas possam ser observados e percebidos a partir das inúmeras relações entre eles. Isto representa jamais perder o foco nas coisas. Desse modo, a abordagem de Miller pretende ir além dos estudos semióticos, onde os objetos materiais são considerados apenas como signos e, assim, relegados a formas de comunicação.

Como a maioria dos antropólogos ingleses, a etnografia não serve para ilustrar a sua teoria, mas ao contrário, a teoria está atrelada à etnografia. É por meio dela, que o autor, compara os diferentes desempenhos dos trechos em cada capítulo de seu livro. A começar pela indumentária.

Neste caso, a indumentária em Trinidad, na Índia em Madri e em Londres possui não só diferentes sentidos, mas funções distintas. Ele observa que o vestuário cumpre papéis muito diversificados além de comunicar um sentido. Em Trinidad até mesmo os mais pobres possuem uma grande preocupação com suas roupas, chegando a possuir diferentes números de peças e de calçados. Para eles o que uma pessoa aparenta ser é o que diz o que essa pessoa é. Na Índia um sári é mais do que uma roupa. Ele é compreendido, de fato, como uma extensão do corpo da mulher. E, nesta sociedade, ser mulher é usar sári. Afora isto, o sári

possui outras funções que vão desde o transporte de filhos até ao auxílio nas funções domésticas. Em Madri, o vestuário aparece duramente dividido entre roupas para se usar na rua e aquelas velhas, surradas e puídas para ficar em casa exclusivamente, o que é de uso público e de uso privado. Em Londres o que marca é a crise de saber se vestir, sobretudo para mulheres, o que é mais compatível ao próprio corpo e sem ficar fora de moda. E há uma grande procura por especialistas que possam ajudar estas mulheres a se vestirem de maneira “adequada”. Não por menos este livro se torna uma leitura indispensável para aqueles pesquisadores interessados em discutir moda e vestuário.

E também para os que investigam o consumo doméstico, habitação e acomodação, faz-se conveniente a leitura de *Trecos*. Afinal, o que é uma casa senão um dos maiores bens materiais em nossas sociedades urbanas? A agência que a casa exerce sobre as pessoas pode transformar ou oprimir o comportamento de seus moradores. Isto é sugerido há tempos com as histórias de casas mal-assombradas e ou de fantasmas que nela habitam que enchem nossas imaginações e, que de alguma forma, deixam implícito a força que a casa tem. E como alerta Miller sobre a agência dos objetos eles nem sempre fazem conosco aquilo gostaríamos que fizessem.

Tal como os trecos, as mídias também vêm provocando transformações radicais nas sociedades. Algumas abordagens teóricas tendem a acusá-las como algo maléfico, devido ao seu papel central tanto na criação quanto na difusão da cultura de massa. Miller apresenta outras perspectivas. A internet foi apropriada em Trinidad pelos católicos como um meio de afirmar presença daqueles viviam longe da catedral de Port of Spain, mas que queriam fazer parte da diocese. Ela também modificou não apenas o tempo das respostas, como a qualidade das respostas. Potencializando naquilo que eles poderiam vir a ser. E uma novela americana não tornou os trinitários mais americanizados; como se poderia supor, ao contrário, o seu consumo a tornou tão trinitária como se tivesse sido feita por eles mesmos. As cenas das novelas eram assimiladas partir dos seus repertórios trinitários. O telefone celular modificou abruptamente também as relações interpessoais. Relacionamentos foram redefinidos e estabelecidos pelo número de mensagens trocas entre os filipinos. Na Jamaica esperava-se que com

a chegada do celular diminuiria o desemprego, mas acabou recebendo outra finalidade, sendo mais utilizado para ter acesso a internet, download de músicas, do que para realizar chamadas.

A publicação de Trecos, troços e coisas vem em momento oportuno para pesquisadores da antropologia econômica e do consumo em que a presença da materialidade se faz sentir e também para aqueles em que os objetos em campo, parecem quase ocultos. O estudo da cultura material é interdisciplinar, mas para Miller o envolvimento etnográfico busca algo mais do que olhar simplesmente para as coisas, mas ver qual o seu impacto na vida humana, como eles se apropriam e quais são as transformações causadas por estes trecos, troços e coisas. O que não podemos mais negligenciar.

Submetido em 12 de Janeiro de 2015.

Aprovado em 13 de Fevereiro de 2015.